

O SABER-FAZER NA ERRÂNCIA D'ALÍNGUA

Ana Giulia de Araújo Conte¹
Márcia Cristina Maesso²

RESUMO

A psicanálise de Jacques Lacan deu continuidade à subversão da clínica que Freud havia iniciado com a descoberta do inconsciente. Com o recurso à linguística e os aforismas “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e “o inconsciente é o discurso do Outro”, o ensino lacaniano provocou torções no conceito de inconsciente e reconduziu a experiência analítica à experiência de linguagem do projeto freudiano. A teoria do significante permite importantes interfaces com a arte e com a criação, e enfatizamos aqui a criação poética de Octavio Paz para pensar os problemas da linguagem na escuta clínica, atenta aos deslizos, aos atos falhos, às tramas do discurso, mais do que à linearidade da significação. A criação poética permite pensar sobre a eficácia do dispositivo analítico, pautada em uma atenção que flutua e intervém pelo corte e não pela continuidade. Recorrer ao *savoir-faire* com a língua dos poetas pode fornecer boas indicações aos psicanalistas em sua escuta?

Palavras-chave: psicanálise, linguagem, significante, poesia

THE KNOW-HOW IN THE WANDERINGS OF LANGUAGE

ABSTRACT

The psychoanalysis of Jacques Lacan continued the subversion of clinical practice that Freud had initiated with the discovery of the unconscious. By drawing on linguistics and the aphorisms “the unconscious is structured like a language” and “the unconscious is the discourse of the Other”, the teaching

¹ Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília - UnB. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil). E-mail: giuliaconte.unb@gmail.com.

² Professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, orientadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, com pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília, doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (Brasília, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1413-2998>. E-mail: maessomc@gmail.com.

of Jacques Lacan twisted the concept of the unconscious and brought the analytical experience back to the realm of language, as conceived in Freud's project. The theory of the signifier allows for important intersections with the field of art and creation, and here we emphasize Octavio Paz's poetic creation to ponder the problems of language in clinical listening, attentive to slips, Freudian slips, and the intricacies of discourse rather than the linearity of meaning. Poetic creation allows us to contemplate effectiveness of the analytical device, guided by a free-floating attention that intervenes through the cut rather than continuity. Can drawing on the savoir-faire of poets provide valuable insights for psychoanalysts in their practice of listening?

Keywords: psychoanalysis, language, signifier, poetry

EL SABER-HACER EN LAS ANDANZAS DEL LENGUAJE

RESUMEN

El psicoanálisis de Jacques Lacan continuó la subversión de la clínica freudiana iniciada con el descubrimiento del inconsciente. Mediante el recurso a la lingüística y las aforismas “el inconsciente es estructurado como un lenguaje” y “el inconsciente es lo discurso del Otro”, la enseñanza lacaniana torció el concepto de inconsciente y recondujo la experiencia analítica a la experiencia del lenguaje del proyecto freudiano. La teoría del significante permite importantes interfaces con el arte y la creación, y destacamos aquí la creación poética de Octavio Paz para reflexionar sobre los problemas del lenguaje en la escucha clínica, atenta a los deslices, los actos fallidos y las tramas del discurso, más que a la linealidad del significado. La creación poética permite reflexionar sobre la eficacia del dispositivo analítico, basada en una atención que fluctúa e interviene mediante el corte y no mediante la continuidad. ¿Recurrir al savoir-faire con la lengua de los poetas puede proporcionar buenas indicaciones a los psicoanalistas en su escucha?

Palabras clave: psicoanálisis, lenguaje, significante, poesía

O SABER-FAZER NAS ERRÂNCIAS DA LÍNGUA

Os problemas da linguagem e da estrutura do ser falante atravessaram o ensino de Lacan de maneira a mudar o curso da história e do tratamento analítico, uma vez que a relação com a linguística é decisiva para desviar a psicanálise da fundamentação nas ciências biológicas. Os aforismas lacanianos “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e “o inconsciente é o discurso do Outro” indicam a função da fala na clínica

psicanalítica como “aquilo que funda o homem em sua autenticidade” (Lacan, 1953/2003, p. 141), por um lado, e, por outro, a questão da linguagem como intrincada na constituição subjetiva. Constituem, assim, uma renovação teórico-conceitual da psicanálise, provocando torções no conceito de inconsciente. Com o recurso à linguística, Lacan prossegue o programa cientificista de Freud a partir de novas bases.

A linguística, enquanto ciência, interessou Lacan nos primeiros anos, mas esse interesse, inicialmente tão decisivo, continuamente se enfraquece até chegar ao seu fim, próximo ao *Seminário 20*. Ali, Lacan indicava: “Um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 22). As veredas de sua obra pareceram requisitar, nesse momento, forjar alguma outra palavra, linguisteria, para abordar tudo que se segue quanto à fundação do sujeito e quanto ao inconsciente, da forma renovada e subvertida como foi introduzida por Freud. Compreende, então, que seu “inconsciente estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística” (p. 22). Aqui, no entanto, enfatizaremos este primeiro momento, o da teoria do significante a partir da subversão da linguística de Ferdinand de Saussure, o que nos serve aos propósitos de apreender importantes aspectos da criação poética, de modo a tensionar a clínica analítica.

Enfatizar que a experiência analítica é uma experiência de linguagem foi determinante para discernir a conduta da psiquiatria tradicional, que desconfia da explicação do doente, cuja condição é de mero relator. Na clínica médica, o sintoma é transformado em signo, no qual o significante encontra o significado definido pela correlação ao repertório das doenças catalogadas. O sintoma é concebido como manifestação da doença, como signo a ser lido nos manuais especializados, correspondendo ao ideal de produção de uma “língua bem-feita” que possibilite realizar uma “leitura exaustiva sem obscuridade ou resíduo”, pela qual “todas as manifestações patológicas fariam uma linguagem clara e ordenada” e “todos os sintomas poderiam se tornar signos” (Foucault, 1998, pp. 104-107). Para a medicina, o sintoma é signo da doença. Para a psicanálise, o sintoma é tratado na ordem significante, cujo significado é dado por outro significante que surge na cadeia associativa do analisando.

O “imperativo do verbo” (Lacan, 1953/1998, p. 323) que a psicanálise revelou indica que vivemos sob seu domínio; o verbo estava no começo – nos primórdios da constituição do sujeito –, e a ação de nosso espírito dá continuidade. A Lei simbólica em torno da qual o humano se constitui é fundada à sua imagem, e “nenhum homem a desconhece, com efeito, já que a lei do homem é a lei da linguagem” (p. 273).

O presente trabalho busca indicar alguns aspectos da obra lacaniana, em especial dos primeiros anos de seu ensino, que marcaram a subversão da clínica médica iniciada por Freud até seu completo tensionamento com o recurso à linguística e a teoria do significante. Isso parece nos indicar uma prática que não se baseia em manuais técnicos, mas que leva os problemas da linguagem às últimas consequências, voltando a estabelecer a psicanálise nos domínios da fala e da linguagem. Aproximações com a arte e com a poesia nos parecem desdobramentos necessários deste percurso.

Propomos a articulação com a obra de Octavio Paz para evocar o fazer poético e a criação que resulta do saber-fazer com a língua. Suas considerações nos conduzem ao esforço de tratar dos problemas da linguagem na escuta clínica, uma vez que a centralidade do significante na teoria de Lacan resulta em uma clínica atenta aos tropeços da fala e aos ciframentos do inconsciente. Mais do que se orientar pela linearidade, importam ao analista os relatos de sonho, os atos falhos, os desvios, equívocos, esquecimentos. Trabalha-se com as torções de sentido e com a disjunção da unidade do signo, atentando-se à musicalidade da fala e às repetições ritmadas. Por sua vez, a obra poética, conforme Paz demonstrou, nasce de uma operação sobre a linguagem, cujo efeito é o jogo com a rebeldia da palavra às suas definições. O ato de criação dos poetas e seu modo de ver o mundo poderiam ensinar algo aos psicanalistas?

A SUBVERSÃO CLÍNICA DA PSICANÁLISE

A invenção da psicanálise e a descoberta do inconsciente denotaram um grande rompimento com a tradição médica e científica de seu tempo. Pela passagem do olhar, típico instrumento da clínica médica, à escuta, efetuou-se uma mudança paradigmática, na qual a cura pela fala do dispositivo analítico privilegia a eficácia simbólica da palavra e tem na escuta do sujeito que sofre a

direção do tratamento. “Nas aulas de medicina, os senhores se acostumaram a ver” (Freud, 1916/2014, p. 21). Em psicanálise, “não ocorrem senão trocas de palavras entre o analisante e o médico” (p. 22). A nova clínica se afasta da nosografia psiquiátrica e é guiada pela ética de bem-dizer o sintoma, uma modalidade de tratamento que implica o sujeito com seu dizer e o interpela ao reconhecimento de gozo que o sintoma denuncia.

A medicina ocidental e moderna, influenciada pela tendência à biologização e à degradação do valor da palavra, banuiu a palavra dos pacientes, e o psicanalista veio a ocupar um lugar deixado vazio, a partir de uma escuta regida pelas leis admitidas como operantes na clínica psicanalítica (Eidelsztein, 2010). Estruturada em parâmetros como a redução aos fenômenos observáveis e a neutralização do doente, a clínica psiquiátrica parte de uma cisão entre a doença e o doente, onde este é o mero depositário, por acidente, da primeira.

A medicina, aliada aos sistemas políticos modernos, subtrai do processo de cura o saber do sujeito sobre sua doença, um saber considerado fonte de imprecisão e dispersão (Dunker, 2011). O sujeito, reduzido à função de informante que descreve ou à de testemunho neutro, nada deve saber sobre seu mal-estar. A ação terapêutica se distanciou da formação médica e o sofrimento carecia de uma nova figura social, função que o médico deixou de cumprir e que foi ocupada pelo psicanalista: a de ser o receptor das demandas de sofrimento e dor. Ao se tornar científico, ou seja, ao exercer uma prática sobre o real e sustentá-la cada vez mais em diagnósticos feitos por dispositivos impessoais, o médico moderno se tornou um distribuidor de fármacos, deixando de ser o destinatário das queixas pelo padecer de outro sujeito.

Opondo-se a uma prática orientada pelos fármacos e a um discurso que venha a suprimir o sujeito, levando-o ao esquecimento de sua condição, o tratamento psicanalítico envolve a escuta de uma fala que revela algo da verdade, uma escuta de um Outro saber, a partir da fala sem censura: a fala descontinuada da associação livre. Se a medicina clama pelo silêncio dos órgãos, a psicanálise procura por um ruído, pelo deslize discursivo que venha a “des-velar” a verdade do inconsciente.

A clínica psicanalítica faz, portanto, um deslocamento que a distingue da clínica médica da qual se originou. É uma subversão que preserva sua

estrutura original, na qual a desistência em seguir pela semiologia e pelas hipóteses etiológicas da psiquiatria possibilitou instituir uma terapêutica. Freud converteu um método de investigação semiológica de Jean-Martin Charcot em um método de tratamento: a cura pela fala. Realizando um descentramento radical do olhar, por meio do qual a clínica médica atua, o método freudiano inaugura um novo projeto clínico orientado pela escuta “metódica, atenta ao detalhe, à pequena incongruência, ao deslize, à repetição ou à ruptura da fala. Flutuante e aberta a interrupções, insistências e silêncios do discurso” (Dunker, 2011, p. 439).

Não há, portanto, semiologia fixa em psicanálise, ou seja, signos estáveis com ligação direta à etiologia dos sintomas. O interesse de Freud é pela ligação singular e instável entre significante e significado, compondo uma produção da significação multifacetada e temporal. A constante menção aos poetas por Freud e Lacan, considerados como vanguarda para as proposições psicanalíticas, talvez se justifique pela desestabilização do sentido que a função poética efetua e que coaduna com o texto que se produz em análise.

O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM

Trata-se aqui, portanto, da hipótese de um inconsciente que é, “no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 139). A noção de um inconsciente estruturado como uma linguagem e do Outro como discurso do inconsciente provocam redefinições conceituais e clínicas importantes, um definitivo divórcio entre a psicanálise e o discurso e a prática médica. A psicanálise de Lacan reconvocou os analistas a uma atenção centrada no dizer, que não é, como na clínica médica, prescindível diante da verdade da doença a ser revelada pelos dispositivos diagnósticos, pois “os fatos da psicologia humana não se poderiam conceber na ausência da função do sujeito definido como efeito do significante” (Lacan, 1964/2008 p. 203). A primazia do significante responde a esse lugar social do psicanalista, aquele que, com sua escuta, dirige um tratamento.

O analista opera, portanto, com a estrutura do significante, numa prática fundada no dizer e na sua relação com o gozo do corpo, montada sobre a

escuta regida pelas leis do inconsciente. Atentemo-nos por um momento à definição lacaniana de estrutura (herança do estruturalismo), que atravessa a noção de significante e rege os princípios clínicos a que estamos nos referindo.

ESTRUTURAS CLÍNICAS

A articulação entre a estrutura do significante, o corpo e o sofrimento do qual este padece pode ser observada desde a noção de estrutura apresentada por Lacan e comumente conhecida na expressão “estrutura clínica”. O termo “clínica”, aqui, indica toda a temática vinculada ao corpo, às pulsões e ao gozo, pois a clínica analítica envolve um divã onde o corpo se estira e o inconsciente pode comparecer no dizer sobre o sofrimento e o mal-estar (Eidelsztein, 2012). O uso do termo estrutura é clínico, portanto, e implica o corpo e a relação que com ele mantém o sujeito.

Para Lacan, “a estrutura é a da linguagem”, ressaltou Eidelsztein (2010, p. 127). Não há outra. A noção, fundamental para o pensamento de Lacan, foi apresentada em seu terceiro Seminário: “A estrutura é em primeiro lugar um grupo de elementos formando um *conjunto covariante*” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 210, grifo nosso). Alguns elementos podem ser apreendidos desta fórmula, e nesse ponto seguiremos Eidelsztein (2012) em seus desdobramentos da questão: trataremos brevemente das noções de conjunto, de covariação e de significante.

O termo conjunto é retirado da matemática e designa uma coleção de elementos. Lacan (1955-1956/1985) frisou que se trata de um conjunto, de uma coleção, mas não de uma totalidade. Isso significa que a estrutura está pautada num todo não completo; tanto completo como incompleto. É um todo completo na medida em que “toda língua é completa para significar tudo o que um falante da mesma necessite ou queira comunicar” (Eidelsztein, 2012, p. 50, tradução nossa). Incompleto, pois toda língua inclui em si mesma a falta estrutural que condiciona o real, o inefável, o irrepresentável. Não se pode dizer tudo, resta sempre um impossível. Este paradoxo fica evidente na coexistência das noções de bateria de significante, que indica que toda bateria ou toda coleção de elementos é completa, e de tesouro do significante – todo tesouro, por maior que seja, não pode ser todo tesouro do mundo.

A estrutura da linguagem (e, por conseguinte, a estrutura do inconsciente) só pode se constituir enquanto tal se dispor de uma falta, de uma não-totalidade. A noção de conjunto, portanto, é necessária por articular todo e não-todo. Sempre que se fala em ser falante, a noção de não-todo é essencial: trata-se “verdadeiramente de um não-todo, tanto no sentido de que não inclui a todos os sujeitos nem a todos os modos fixos que pode adquirir o padecer. Justamente, devido ao não-todo, sempre restará uma incompletude no saber da estrutura” (Eidelsztein, 2012, p. 51, tradução nossa).

O segundo elemento da fórmula lacaniana de estrutura é a noção de covariação, que designa o fato de que cada um dos elementos não é o que aparenta ser, mas um lugar vazio no sistema de relações que mantém com todos os outros (Eidelsztein, 2012). O valor do elemento depende da covariância, já que não possui uma relação fixa com nenhum outro elemento do sistema ou por fora dele.

Na covariância, os elementos carecem de identidade própria. Ao mudar um deles, mudam-se necessariamente todos os outros. Todos os elementos são diferenciais, puras diferenças que adquirem valor no sistema sincrônico de relações recíprocas (ao nível da língua), ou no diacrônico (a nível da cadeia significante). A ordem do significante também é um conjunto covariante: se um desaparece, muda todo o conjunto, como no caso da forclusão do Nome-do-Pai. A falta de um “leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 231).

Por fim, o termo significante é definido como “a manifestação material de uma série finita de fonemas, ou seja, dos elementos diferenciais últimos da linguagem” (Eidelsztein, 2012, p. 53, tradução nossa). A exaustão da combinação de tais elementos (os fonemas) é possível, mas o significante tem propriedade infinita, e nisto consiste a possibilidade do efeito poético e do mal-entendido, efeitos incontornáveis do uso da língua.

Como tal, o significante não significa nada, e um efeito de significação só pode surgir *entre* os significantes. A capacidade de significar depende do sistema de covariação, tanto se tratarmos dos significantes particulares do sujeito que se articulam na cadeia significante, quanto em termos da

consolidação social do significado, tal como consta em dicionário.¹ Sua estrutura não é observável, não é um fenômeno, mas opera na realidade do sujeito falante, tendo caráter decisivo na constituição da realidade.

As estruturas clínicas se fundam, portanto, sobre a estrutura do significante: um conglomerado de elementos que não constituem uma totalidade completa (não-todo), que guardam entre si relação de covariância e que opera em toda realidade humana. A noção de estrutura e de significante são inseparáveis, e a psicanálise trabalha com a articulação da estrutura do significante e do corpo, ou, ainda, com uma “estrutura do sujeito que, como tal, não é inteira, mas dividida, deixando cair um resíduo irreduzível” (Lacan, 1966/2003, p. 222).

DE VOLTA À QUESTÃO

Orientar a clínica psicanalítica na noção de estrutura representa uma alternativa à noção de causalidade e funda uma clínica que privilegia a maneira como o sujeito se relaciona com a linguagem, ou seja, a maneira como ele fala de si a um outro, em transferência. A hipótese da estrutura linguageira do inconsciente incorre na concepção de um sintoma que, como todo fenômeno analítico, é estruturado como uma linguagem, “é transformável pelo trabalho da fala analítica” (Soler, 2018, p. 33), reduzível pelo trabalho discursivo da análise.

A ênfase de Lacan na noção de estrutura e o recurso à linguística redireciona os caminhos da psicanálise de seu tempo. Do infértil formalismo a que a psicanálise foi conduzida pelos sucessores de Freud, Lacan (1953/1998) propôs como alternativa o estudo das funções da fala como aquele ao qual o psicanalista deve se dedicar, mantendo em seu horizonte uma fidelidade ao projeto de Freud, com o intuito de elucidar os princípios das teses freudianas e tornar evidentes suas construções e sentido original. *Retornar a Freud*, proposta inicial de Lacan, é reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, pois, “quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de

¹ É preciso considerar que a consolidação de um significado, ainda que comparilhada por grande quantidade de falantes em determinado momento histórico, só pode ser ilusória, já que basta que um significante seja inserido em um novo contexto para qualquer definição se mostrar insuficiente (Eidelsztein, 2012).

apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie” (Lacan, 1953/1998, p. 248). Não há outra coisa na experiência analítica senão a linguagem.

Parte da inovação freudiana e levada a cabo por Lacan é o de dar prevalência aos “fenômenos negativos do sentido” (Miller, 2002, p. 35), ou seja, aos fenômenos inapreensíveis pela linearidade do sentido: os esquecimentos, os atos falhos, os lapsos, os sintomas, os sonhos. Interessam ao analista as tramas do discurso, os trilhamentos do significante e as marcas corporais do circuito pulsional que comparecem na fala. Ceder à prevalência é o “que há de mais sedutor” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 251), mas implica em desconhecer o papel mediador primordial do significante na constituição humana e, consequentemente, em grandes impasses clínicos.

O método da associação livre se fundamenta na palavra que opera sobre o sintoma. A interpretação como um ato discursivo (nem sempre em palavras) afeta o real do sintoma, e este, “que o inscreve como letras de sofrimento na carne do sujeito, se apaga” (Lacan, 1953/1998, p. 307). Foi esta a aposta freudiana quando abandonou o método catártico e se empenhou na associação livre como única e fundamental regra da análise. Embora tenha prolongado a empreitada de articular a psicanálise às ciências da natureza, “de fato, porém, sua metapsicologia nunca foi mais do que uma análise da estrutura radical da linguagem, o que podemos chamar de uma lógica do significante” (Miller, 2002, p. 13).

A submissão ao significante é efeito da anterioridade da estrutura da linguagem em relação ao sujeito. Desde seu nascimento, o humano é encharcado pela linguagem, exposto às suas leis preexistentes e às quais deve se submeter. Lacan (1955-1956/1985) fala em uma “aparição primitiva do significante” (p. 172) para indicar que é preciso já haver o material significante para significar qualquer coisa. O significante é dado primitivamente, mas sua ação só se dá na medida em que o sujeito o faz entrar em sua história. Era, enfim, “realmente o verbo que estava no começo” (Lacan, 1953/1998, p. 272).

O INCONSCIENTE É O DISCURSO DO OUTRO

A noção de Outro surgiu em Lacan em meio à descoberta das relações entre inconsciente e linguagem e marcou uma divisão radical em relação

às convenções técnicas a que foi reduzida a psicanálise com os pós-freudianos. Pois, com Lacan, há uma derrocada da ilusão de totalidade, da miragem da unidade, e o grande Outro, que não é o semelhante ou o outro da diáde, designa um lugar, o circuito ao qual estamos integrados, do qual somos um dos seus elos:

o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir (...). É preciso que eu retome o discurso que ele me legou, não só porque sou o filho dele, mas porque não se para a cadeia do discurso, e porque estou justamente encarregado de transmiti-lo em sua forma aberrante a outrem. (Lacan, 1954-1955/2010, p. 127)

Anos adiante, foi descrito como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Lacan, 1964/2008, p. 200). O Outro inscreve, assim, o princípio de alteridade radical, a partir do qual o sujeito se estrutura, na medida em que seu inconsciente, tecido de linguagem, é o discurso do Outro (Lacan, 1953/1998). O Outro marca a incidência da cultura no sujeito e um primeiro desbotamento na teoria lacaniana entre privado e público, interno e externo, já que nada é propriamente privado, nem na linguagem, nem no inconsciente. É o que designa a noção de “extimidade” na relação do sujeito ao significante, uma operação de “inclusão interna” (Milner, 1996, p. 85). Assim, trata-se de um Outro do sujeito, esse Alhures (Lacan, 1957-1958/1998), a outra cena que Freud descreveu, da qual o sujeito só tem notícia pelo deslize, pois o sujeito é o efeito de um corte, o que evidencia sua “descontinuidade no real” (Lacan, 1960/1998, p. 815).

Que o inconsciente seja o discurso do Outro indica uma alienação primitiva ao discurso de onde provêm os significantes que irão representar o sujeito. De ordem simbólica, incompleto e inconsistente, o Outro é o lugar ao qual se dirigem as demandas e se articula o desejo. Revela, assim, um além da condição egóica e uma determinação de linguagem que opera desde antes do nascimento, pois sua existência e estrutura são anteriores à entrada do sujeito.

A linguagem é, ela mesma, uma alteridade; não nascemos falando, somos expostos à língua que nos precede. O campo do Outro designa tal convocação

a falar uma língua (a língua materna) e dela dispor para falar de si. O ser humano transforma a língua ao mesmo tempo em que é transformado por ela, pois seu ser é indissociável da linguagem. Trata-se de uma duplicidade na relação com o simbólico, assim definida por Lacan (1953/1998): “O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem” (p. 278).

O campo do inconsciente é marcado pelo entrecorte, pela descontinuidade: “O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (Lacan, 1953/1998, p. 260). É o capítulo censurado, marcado pelo corte ou pela mentira, que as condições de análise podem recuperar parcialmente ou em fragmentos; reavido no corpo, nas lembranças, na fala e nos atos.

A alienação vivida pelo sujeito, cuja edificação se dá pela ação do eu e que se impõe quando ele fala de si, encontra seu aliado no modelo científico moderno, erguido sobre uma pretensa objetivação do discurso, uma subtração da subjetividade que conduz o sujeito ao esquecimento de sua condição faltante. A psicanálise, ao privilegiar o campo do significante, serve como uma resposta ao mal-estar na cultura, à alienação do sujeito da civilização científica. São os deslizamentos da fala que interessam à psicanálise, e não a linearidade de sua articulação, pois pela linguagem o ser humano se aliena e, por meio dela, pode conhecer sua verdade.

A psicanálise não cabe em protocolos rígidos, em exigências de neutralidade ou impessoalidade. Lacan (1953/1998) combateu fortemente a imposição de tais formalidades e encontrou em Freud as indicações da busca do analista por um estilo próprio, de uma posição a partir da qual um sujeito possa advir. Cada análise é uma, condicionada às condições subjetivas em jogo em cada situação analítica, devendo ser reinventada por cada analista e tendo por isso algo de intransmissível (Jorge, 2017). O ensino lacaniano carrega consigo um estilo e linguagem que se opõem a um modo de transmissão do conhecimento característico da ciência moderna, que deve à eliminação do sujeito a proposta de univocidade do sentido.

Já o dispositivo analítico privilegia o discurso que revela o sujeito do inconsciente, escamoteado pelo eu. Este, cartesiano, contém o teor de alienação responsável pelas tentativas das delimitações de si pela fala, pelo pensamento e pela imagem corporal (Quinet, 2011). O trabalho analítico

consiste em “suspender as certezas do sujeito” (Lacan, 1953/1998, p. 253), de modo a reduzir suas miragens, distinguindo aquilo que revela algo do saber insabido e cifrado. Uma simples pontuação pode ter o valor de intervenção, libertando determinado “termo de seu contexto rotineiro, para submetê-lo a todos os fins úteis da técnica” (Lacan, 1953/1998, p. 253). Atento à trama do discurso, o analista faz interrupções guiadas não pelo tempo cronológico, mas pelo tempo lógico, tempo do inconsciente na revelação de sua trama.

O POETA, MESTRE DA LÍNGUA: LINGUAGEM E POESIA EM OCTAVIO PAZ

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas
leituras não era a beleza das frases, mas a doença
delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor,
esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,
o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da vida
um certo gosto por nada...
E se riu.
Você não é de bugre? — ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em
estradas —
Pois é nos desvios que encontra as melhores
surpresas e os arituncs maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de
agramática. (Barros, 2010, p. 319, grifo nosso)

As considerações até aqui apresentadas dão ensejo a uma interlocução com Octavio Paz, outro importante pensador da linguagem, cujo lugar de poeta é o de verdadeiro mestre da língua, ou, ainda, *a voz de fazer nascimentos*,

extraindo a expressão dos versos de Manoel de Barros: “Em poesia que é voz de poeta, (...) a voz / de fazer nascimentos” (Barros, 2010, p. 301).

Octavio Paz foi um poeta, tradutor, crítico e ensaísta mexicano, considerado um dos mais relevantes poetas de língua hispânica. *O arco e a lira* (Paz, 1956/1982), uma de suas publicações mais conhecidas, é um trabalho dedicado à poesia e à função poética da linguagem. Com todos os recursos poéticos que compõem seu *savoir-faire* com a língua, trata do fazer poético como uma experiência de manipular as possibilidades da linguagem. Utilizando-se de riquíssimas referências da literatura, da linguística e da história e cultura latino-americanas, a obra tem o mérito de servir-se da linguagem poética para falar da própria poesia, conferindo à leitura um ritmo encadeado, uma musicalidade e um encantamento propriamente poéticos. Faz, assim, um poético tratado sobre a poesia.

Para o autor, a poesia contém em seu ser a dupla habilidade de revelar o mundo e, simultaneamente, criar outro. Produz deslizamentos na cadeia, toca, transforma; constante movimento de diálogo com a ausência, de contornos e retornos ao impossível de ser falado ou simbolizado (e não é isso, afinal, de que trata a psicanálise?). A poesia se recolhe à obediência às regras da língua e, em seguida, se abre a um novo mundo de rebeldia, invenção e metamorfoses. Revolucionária por natureza, transforma o mundo e “em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem” (Paz, 1956/1982, p. 15). A poesia é a forma natural de expressão do ser humano e pertence a todos os tempos, a todos os povos. Inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas, mas existem aquelas que não têm prosa.

A POESIA, COMO A LINGUAGEM, PREEXISTE AO SUJEITO

Diferente do mundo animal em que predominam o real do corpo e a imagem, na ordem humana há um terceiro registro que preexiste a todo nascimento. Trata-se de uma anterioridade simbólica, ou seja, de uma estrutura de linguagem que já está lá desde o princípio. A inscrição de cada um nesse campo depende de operações lógicas que ocorrem numa relação de dependência com o Outro, tesouro dos significantes. A linguagem é “imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua

estrutura” (Lacan, 1953/1998, p. 278) – falar uma língua implica em respeitar regras e exigências cujo conteúdo ignoramos (Milner, 2012). Para o advento da fala, é preciso que essa estrutura já esteja lá, afetando o corpo prematuro, banhando-o de linguagem. Não pretendemos nos demorar nos pormenores dessas operações de constituição, mas apenas indicar os precedentes da entrada na linguagem no ser falante.

O interesse de Lacan pela linguística, decisivo nos primeiros anos de seu ensino, desvanece continuamente e parece chegar ao fim nos anos iniciais da década de 1970. Na medida em que se ocupa da topologia e da lógica para “evitar os efeitos imaginários na transmissão da psicanálise” (Faria, 2019, p. 23), Lacan se detém a constituir a estrutura de linguagem do inconsciente que inclui o real como causa, definindo, portanto, “que o real enquanto limite que se impõe à linguagem possui uma função naquilo que a própria linguagem estrutura” (p. 21). Assim, Lacan não abdica da hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem, mas, ao se dedicar à matemática para tratar dos problemas de formalização do real, o inclui definitivamente na própria estrutura linguageira do inconsciente.

É nesse contexto que o conceito de lalíngua é introduzido, termo que conjuga “língua” com a “lalação” do bebê e se refere à anterioridade da articulação significante. Lalíngua indica o que está excluído do sentido, sons entoados que afetam o corpo, antes de serem entabulados numa rede de significação. Tem função evocativa, é intraduzível e não cabe nas leis da racionalidade. Situa o primeiro modo como a linguagem, o habitat do *infans*, o afeta, a incidência da voz do Outro que inscreve um gozo extremamente singular (Vivès, 2020), pois a linguagem é para todos; lalíngua é própria de cada um, diz da relação singular com a língua falada.

O termo carrega a musicalidade que lhe é própria, pois cada língua carrega uma cadência, um ritmo que se mostra, por exemplo, na entonação das palavras. A própria lalação do bebê, anterior ao advento da fala, manifesta um ritmo musical, no modo como se alternam as notas e o silêncio. O ritmo, com tudo o que evoca, comove psicanalistas², linguistas e poetas.

² Podemos pensar, por exemplo, no ritmo regular do jogo do fort-da envolvido na simbolização da falta, representando a alternância ausência-presença, ou no ritmo da repetição daquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, ou mesmo o ritmo da voz materna que embala o corpo do *infans*, e assim por diante.

Paz (1956/1982) o caracterizou como a corrente na qual não vigoram as leis de racionalidade, de coerência ou de linearidade, mas as leis de atração e repulsa, uma corrente de imagens na qual as palavras se põem a dançar, “abraça os contrários sem aniquilá-los” (p. 109), suporta paradoxos e desatinos. O ritmo e a musicalidade que o poeta dispõe para criar estavam lá, no início, antes mesmo de uma articulação significativa e do advento da fala.

A musicalidade e o efeito poético são inerentes ao uso da língua. Estavam lá desde o começo e voltam a ser despertados, momentaneamente (em um chiste ou trocadilho, por exemplo) ou numa criação que se consolida como obra. Não se pode evitá-los, mas a ubiquidade da poesia não resulta, forçosamente, no ato de criação poética. Que esteja em toda parte, em estado amorfo, deve algo à nossa condição de seres falantes (ou *falasser*, a fala precedendo o ser), que faz comparecer na língua materna as lalações ritmadas e os jogos de sentido. Aí parece residir algo da eficácia do dispositivo analítico, dispositivo de cura pela fala, operando sob o regime de uma atenção que flutua entre as falhas de sentido e intervém pelo corte e não pela continuidade. Retornaremos a isso.

O POEMA E AS EXPRESSÕES POÉTICAS

A poesia, distinta do poema, não é um artefato humano. Há poesia sem poema, poesia em estado amorfo, estando aí, no mundo, na natureza, nas criações humanas. O ser falante pode dispor da poesia e criar a partir de sua existência. Assim surge um poema, poesia erguida, entidade da poesia. O poema é o ato de fabricar, produzir, criar, fazer nascer, fazer vir a ser, inventar, imaginar. Não é meramente uma forma literária, mas uma das expressões do encontro entre o humano e a poesia.

Um soneto ou uma obra construída de acordo com as leis da métrica pode não conter poesia, pois as estrofes, as rimas e os versos devem ser tocados por ela. O essencial é menos a forma que o encontro com o poético, e assim qualquer atividade verbal é suscetível de se transformar em poema. A técnica e a criação não coincidem. A técnica é procedimento, manipulação da matéria, e tem seu valor medido na eficácia de sua aplicação, sendo substituível na medida em que um novo

processo surja (Paz, 1956/1982). O poema, produto do ato de criação, por outro lado, “é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no instante mesmo da criação” (p. 20).

A operação poética não se encerra na manipulação técnica, embora não prescindia inteiramente desta. O que buscamos destacar, no entanto, é que o ato da criação faz operar deslocamentos na língua, libertando a palavra de suas definições, extrapolando limites, elevando a matéria-prima – à disposição de todos os falantes – em obra: “A pedra triunfa na escultura, humilha-se na escada. A cor resplandece no quadro; o movimento, no corpo, na dança. A matéria, vencida ou deformada no utensílio, recupera seu esplendor na obra de arte” (Paz, 1956/1982, p. 26).

Para a criação, não basta que se faça uso da função metafórica da palavra. A língua é viva, permanentemente recriada pelos falantes, e, por isso, a fala constantemente evoca jogos de palavras, expressões ou imagens incitadas pela imaginação e pela fantasia, mas que se apagam de maneira tão efêmera como foram criadas. É isso o que define, para Paz, as expressões poéticas, resultado do vaivém das palavras na boca dos falantes, sempre presentes e capazes de manter naturalmente preservada a natureza poética da fala.

As expressões poéticas são oriundas da natureza da linguagem, da propriedade infinita do significante que inevitavelmente esbarra com um efeito poético. Na voz dos falantes de uma língua, surgem neologismos, expressões, rimas, jogos de palavras, imagens, que se apagam assim que são criadas (Paz, 1956/1982). Não têm permanência, reconhecimento ou longevidade no conjunto das obras literárias, mas escancaram a fragilidade do mundo do sentido. As expressões poéticas revelam que, no mundo humano, não há significados definitivos, e que a estrutura da linguagem é tão faltosa quanto a do sujeito que a criou, nunca podendo chegar a univocidades ou à eliminação dos ruídos da comunicação.

A CRIAÇÃO POÉTICA: VONTADE CRIADORA E ALTERIDADE

Para que um poema surja, portanto, é necessário mais que uma mera manipulação das palavras (Paz, 1956/1982). Não se pode atribuir a criação poética simplesmente ao dinamismo da linguagem; é preciso que intervenha uma vontade criadora. É preciso que um sujeito, por

obra de uma deliberada intervenção na ordem simbólica, efetue uma transformação na experiência. Lacan parece indicar algo semelhante: “A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 94). O poema (a criação) não subsiste no vazio e não precede o sujeito que o cria. É necessária uma intervenção na linguagem, operada por um sujeito, desejante e faltoso, que realize uma operação de contorno do vazio, ciente da possibilidade de preenchê-lo.

A criação poética se inicia com uma operação de violência contra a linguagem em dois atos (Paz, 1956/1985). Primeiro, as palavras são desenraizadas, desconectadas de suas conexões habituais. Desamarradas, as palavras flutuam, escancaram a frágil ligação que há entre o significante, o som esvaziado de sentido, e o significado. O poeta suspeita da unidade do signo linguístico e separa os vocábulos do mundo da fala, tratando-os como únicos, insubordinados que são a um significado fixo.

O segundo ato da operação é o regresso da palavra, um retorno ao meio social que a faz compartilhada, podendo então ser objeto de participação. O poeta não fala só; ele carece de um Outro a quem endereçar sua obra. Não podendo existir no vazio, o poema é constituído por uma boca que o pronuncia e um ouvido que o escuta. Necessita de um Outro leitor a quem endereçar e que ateste sua participação no mundo, pois sua linguagem é viva e comum. “O poema é uma criação original e única, mas também é leitura e recitação – participação. O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade” (Paz, 1956/1982, p. 47). Sem leitor, há tão somente uma obra pela metade que não se realiza.

A emergência da entrada do Outro sinaliza que o poeta não fala sozinho, não cria uma língua hermética. Seu trato com a linguagem é da ordem de uma provocação, ironizando a forma e as regras formais. Não obstante, ele as conhece com profundidade. Não cria a partir do nada. Seu material são ideias e expressões admitidas na língua, operando o que Miller (2002), referindo-se ao chiste, denominou como um “manuseio gráfico e oportuno” (p. 30) das temáticas poéticas, patrimônio de todos. Não está anulado ou esvaziado o grande Outro da linguagem, que ali permanece enquanto interlocutor desse endereçamento que o sujeito realiza.

RESSONÂNCIAS CLÍNICAS

A concepção de linguagem em Lacan, a partir da qual uma teoria do sujeito foi possível, considera que uma linguagem funcional (inequívoca ou imune aos mal-entendidos) perde sua função de linguagem. Sua função não é de informar, mas de *evocar*. Isso abre possibilidades clínicas importantes. Operar sobre a fala e sobre suas ressonâncias de sentido implica em “fazer ouvir o que ela não diz” (Lacan, 1953/1998, p. 296), pois a linguagem funciona inteiramente na ambiguidade, a ponto de, na maior parte do tempo, não sabermos em absoluto nada do que estamos dizendo (Lacan, 1955-1956/1985, p. 135). As inconsistências ou descontinuidades da linguagem, desse sistema propriamente humano, é o que verdadeiramente marcam a condição do sujeito do inconsciente.

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém. (Lacan, 1953/1998, p. 323)

Nossa submissão ao significante define os contornos de um tratamento guiado pela estrutura linguageira do inconsciente. Isso parte da descoberta freudiana de um saber do qual não se quer notícias, de um capítulo censurado que rompe ligações e que fala à revelia do que o eu narcísico exhibe, envaidecido. Interpretar em análise é um ato discursivo, que busca des-cobrir o Outro saber, o sujeito escamoteado pelo eu, cercado de certezas, cheio de sentido, para assim dar mediação simbólica ao desejo e operar sobre o sintoma, que é transformável pela fala. Intervir pelo corte no discurso, em especial aquele que serve de barra entre o significante e o significado, faz surpreender o sujeito que nos interessa e verificar sua estrutura como descontinuidade no real. Assim, “chegaríamos ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica só tem valor por tropeçar ou até se interromper” (Lacan, 1960/1998, p. 815).

Que tenhamos enfatizado o sem-sentido ou o desmonte da relação recíproca entre o significante e o significado não implica em dizer que a

intervenção seja sempre pelo equívoco, que poderia, por exemplo, deixar um angustiado desarmado diante da manifestação do mais real do corpo. De outro modo, adentrar nessa prática centrada no dizer e guiada pelas leis do inconsciente refletem, por um lado, em um tratamento que parte da *suposição* de saber no lado do analista, que tem como efeito que o sujeito se coloque a falar sobre aquilo que não quer saber. Não há exigências de coerência, de harmonia, não há direcionamentos da fala ou juízos sobre seu conteúdo; pede-se apenas que fale livremente. Reflete, por outro, em um método de investigação que considera que há, naquilo que nos constitui, um sem-sentido estrutural que não pode ser preenchido de significação, um resto incontornável. Com esse impossível, só nos resta um saber-fazer que é da ordem da criação, mas que não cabem soluções definitivas.

Recorrer ao trabalho do poeta – cuja obra é produto de um ato de desenraizamento da palavra com suas conexões habituais, jogando com a inescrutabilidade do significante, para depois fazê-la retornar ao meio social, produzindo endereçamento – é recorrer a um saber sobre a criação, a um *savoir-faire* com a língua, provocando os analistas para que não se deixem seduzir pelo sentido em excesso. Não que o interesse se volte somente ao sem-sentido; frequentemente, na clínica, apostar em uma construção é o mais indicado. Mas considera-se que a produção de significação, sempre surgida *entre* os significantes, tenha múltiplas facetas e seja temporal, passível de deslizamentos.

Diferenciar o poema das expressões poéticas da língua talvez nos sirva não para tomar o que se produz em análise como obra poética, mas para nos indicar algo da formação do analista, que não baseia sua prática em manuais técnicos e que deve ao saber-fazer com a linguagem que nos constitui boas indicações. Talvez, no que se refere ao trabalho de análise, falemos de criações mais efêmeras, mas que tem grande potencial transformador. Capaz de pôr em marcha grandes paralisações de sentido. Ou de produzir significação ali onde nada se sustenta e o real do corpo causa grande assombro.

O trabalho de análise se assemelha mais ao trabalho de criação do que a procedimentos técnicos. Como tal, carece de um endereçamento a um Outro. Erguendo sua narrativa, o sujeito assume sua história por meio

da fala endereçada em transferência e reconstrói a obra imaginária de si para se apresentar a esse outro, reencontrando a alienação fundamental que o constituiu.

As expressões da poesia dão notícias da função poética da língua que falamos, da não-prevalência do sentido em todos os atos de fala. A musicalidade de lalíngua, anterior a qualquer efeito de significação (anterior, portanto, à concatenação de significantes em uma cadeia), parece retornar nos manuseios da língua e na operação de criação, capaz também de se reapresentar nas falas e nas interpretações em análise. Seria o suficiente para nos perguntarmos se a musicalidade do poema e a musicalidade de lalíngua entram, por vezes, em ressonância?

FINS

Ao subverter a clínica, a psicanálise recupera a palavra e instaura um novo dispositivo de escuta e de endereçamento do sofrimento. O ensino lacaniano é, nesse sentido, fiel ao programa freudiano, reconduzindo a experiência analítica a uma experiência de linguagem. Procurou evitar os desvios a que a psicanálise estava submetida uma vez que negligenciou os fenômenos de linguagem e se reduziu às construções imaginárias. Privilegiar a linguística foi decisivo para estruturar o que se passa no inconsciente, embora esta não tenha definido os rumos finais de seu ensino.

Tanto o trabalho de análise quanto o da criação poética (ou mesmo suas expressões mais efêmeras) provocam transformações na experiência, novas ordens de relações simbólicas com o mundo, deslocamentos, perambulações pelas palavras, capazes de incidir sobre o sintoma que é permeável a elas, dado sua estrutura languageira. Que possamos ter dos poetas, que *sabem errar bem o seu idioma*, as errâncias que compõem seu *savoir-faire*. Suas habilidades de tensionar o idioma de maneira extrema, des-cobrando e re-cobrando o real sem reduzi-lo ao horror. Realizando o impossível sem superá-lo. E, assim, instaurar um saber-fazer com a língua que permita criar com ela e através dela, podendo falar de si a um outro por meio de um discurso que produz laços.

REFERÊNCIAS

- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- Dunker, C. I. L. (2011). O nascimento da clínica. In E. Trivinho, G. Cornelli, G. B. Krause, P. P. Funari, & P. R. Jacobi (Eds.), *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* (pp. 389-481). São Paulo: Annablume.
- Eidelsztein, A. (2010). Estrutura é a da linguagem. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 38, 126-132. Porto Alegre: APPOA.
- Eidelsztein, A. (2012). El objeto a y el intervalo: Una clínica “más allá del padre” [O objeto a e o intervalo: Uma clínica “mais além do pai”]. In A. Eidelsztein, *Las estructuras clínicas a partir de Lacan: Vol. I. Intervalo y holofrase, locura, psicosis, psicossomática y debilidad mental*. (3ª ed., pp. 45-82). Buenos Aires: Letra viva.
- Faria, M. R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. São Paulo: Toro.
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise – Primeira parte: os atos falhos. In S. Tellaroli (Trad.), *Sigmund Freud – Obras completas* (Vol. 13, pp. 19-108). São Paulo: Companhia das letras. (Obra original publicada em 1916)
- Foucault, M. (1998). *O nascimento da clínica* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Jorge, M. A. C. (2017). O lugar do analista. In M. A. C. Jorge, *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: Vol. 3: A prática analítica* (pp. 233-244). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As psicosis*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955-1956).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1957-1958)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1960)

- Lacan, J. (2003). Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros Escritos* (pp. 219-223). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966)
- Lacan, J. (2003). Discurso de Roma. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros Escritos* (pp. 139-172). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953)
- Lacan, J. (2008). O campo do Outro e o retorno sobre a transferência. In M. D. Magno (Trad.), *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 198-252). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada 1954-1955)
- Miller, J. A. (2002). *Percurso de Lacan: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Milner, J.-C. (2012). Da linguística à linguística. In J. Aubert, F. Cheng, J.-C. Milner, F. Regnault, G. Wajcman, *Lacan, o escrito, a imagem* (pp. 33-52). Belo Horizonte: Autêntica.
- Paz, O. (1982). *O arco e a lira*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova fronteira. (Obra original publicada em 1956).
- Soler, C. (2018). Sintoma, sinthoma. In C. Oliveira (Trad.), *Lacan, leitor de Joyce* (pp. 23-47). São Paulo: Aller.
- Quinet, A. (2011). *A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vivès, J.-M. (2020). *A voz no divã: Uma leitura psicanalítica sobre ópera, música sacra e eletrônica*. São Paulo: Aller.

Recebido em: 14/06/2023

Revisado em: 07/04/2025

Aceito em: 01/11/2025